



A REPRESENTAÇÃO DA CRIMINALIDADE NA NARRATIVA DE *PSSICA*, DE EDYR AUGUSTO

Geovane Silva Belo¹

Luiz José Nunes de Amorim²

Liliane Afonso de Oliveira³

Thais Fernandes de Amorim⁴

Wanúbya do Nascimento Moraes Campelo Moreira⁵

RESUMO

Este trabalho busca entender a representação da criminalidade na narrativa do romance policial *Pssica*, do autor Edyr Augusto Proença, publicada no ano de 2015. Para isso, destaca-se a tradução que a obra realiza da violência urbana das cidades paraenses. O objetivo da pesquisa é compreender como os traços da criminalidade se apresentam e como o autor elabora cenários, personagens, enredos e discursos sobre o tema. Os elementos evocados no romance *Pssica* revelam cenas, fatos, ambientes e sujeitos que se assemelham às contradições urbanas das cidades paraenses, em especial, de Belém. A obra está carregada de tensões, costuras sociais e relações de poder, desse modo, demonstra como a literatura se torna um instrumento de denúncia e espaço de revelação dos problemas urbanos. Algumas questões podem ser levantadas na pesquisa: A obra *Pssica* pode ser considerada um romance policial? Como o romance traduz e contextualiza o ambiente regional e a violência das cidades do Pará? Quais crimes se revelam e como o “*Pssica*” os representa? Assim, a pesquisa procura estudar o gênero romance policial e analisar passagens da obra para entender o diálogo da literatura com o contexto social paraense.

Palavras-chave: : Romance policial; Representação; Edyr Augusto; *Pssica*.

¹ Professor Adjunto da Universidade Federal Rural da Amazônia – UFRA, *campus* Tomé-açu. Doutor em Educação pelo PPGED/UFPA, Mestre em Artes pelo PPGARTES/UFPA, pós-graduado em Ensino e Aprendizagem de Língua Portuguesa e Literaturas pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Graduado em Letras pela Universidade do Estado do Pará (UEPA). E-mail: geovane.belo@ufra.edu.br;

² Graduado em Letras pela UFRA, participa do Projeto Tecituras e do GELICS (Grupo de Estudos em Literatura, Cultura e Sociedade).

³ Professora Adjunta da Universidade Federal Rural da Amazônia - UFRA. Doutora em Comunicação, Linguagens e Cultura (UNAMA). Mestre em Comunicação, Linguagens e Cultura (UNAMA). Graduada em Letras (Português) pela Universidade da Amazônia - UNAMA. E-mail: liliane_afonso@yahoo.com.br;

⁴ Professora Adjunta da Universidade Federal Rural da Amazônia - UFRA. Doutora em Estudos Literários - UFPA. Mestre em Comunicação, Cultura e Linguagem - UNAMA. Especialista em Gestão Escolar - CESUPA. Especialista em Educação Especial, ênfase em LIBRAS - FIBRA. Especialista em ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa – UFPA. Teaching English as a Foreign Language Preparation. Language Studies Canada – LSC. Toronto, Ontário.. E-mail: thais.amorim@ufra.edu.br;

⁵ Professora Adjunta da Universidade Federal Rural da Amazônia - UFRA. Doutora em Estudos Literários - UFPA. Mestra do Programa de Pós-Graduação em Letras - Estudos Literários, como bolsista da CAPES – PPGL-UFPA. Especialista em Língua Portuguesa (PUC-MG). E-mail: wanubyacampelo@ufra.edu.br

INTRODUÇÃO

Pssica (2015), de Edyr Augusto Proença⁶, traz no título a acepção de má sorte ou agouro. É uma expressão regional, mas, sobretudo, urbana, de vozes periféricas. Este trabalho procura estudar no romance de Proença a representação da criminalidade e de que maneira a obra fala sobre temas como abuso, prostituição infantil, narcotráfico, tráfico humano, corrupção política e policial e o quadro crônico de marginalização social.

Por isso, conforme a leitura dos principais teóricos que estudam o gênero romance ou falam sobre criminalidade, esta pesquisa de cunho bibliográfico buscou analisar as diferentes projeções da violência urbana na narrativa, principalmente no que tange aos mistérios, ao sistema criminal e aos atos corruptos em *Pssica*, além de evidenciar a aproximação com o ambiente urbano paraense.

Pssica está visivelmente interligada ao cenário de violência descontrolado de Belém, com conflitos dramáticos e personagens agudos. Além da capital paraense, a narrativa fala de outras cidades, como Breves, Soure, Marabá e até Muaná, com marcas de denúncias sobre a criminalidade e a naturalização da impunidade.

Cabe à pesquisa falar sobre o romance policial, identificar no texto literário a tradução de conflitos e crimes ocorridos na região e, assim, pôr em evidência o contexto histórico-social paraense. Em meio a esses cenários, podemos ter acesso às representações literárias de violência e catástrofes regionais que complementam o contexto das contradições sociais, pois no discurso literário são identificadas relações do dia a dia dentro do espaço social paraense.

O autor, embora mostre os traços históricos das cidades, dá ênfase à dinâmica urbana, ao submundo, às impunidades e ao obscuro das relações humanas. Assim, a cidade, além de servir como cenário para o desenvolvimento da narrativa, é o local onde as tensões são articuladas e, desse modo, pode ser tomada como um estímulo para que a narrativa se desenrole. Como o estudo é direcionado à representação da criminalidade, observam-se, no desenvolvimento do romance, aspectos conceituais sobre crime e como este é visualizado pela comunidade; a forma com que essas ações criminosas influenciam o cotidiano da população e como esta reage e produz um ciclo de violência. Busca-se, no presente trabalho, visualizar as

⁶ Edyr Augusto Proença é escritor, jornalista e romancista, já premiado internacionalmente, suas obras foram traduzidas para diversas línguas. Escreveu oito romances, principalmente ligados aos dramas urbanos de cidades amazônicas, como “Os Éguas” (1998) e *Belhel* (2020). É de Belém do Pará e recebeu o Prêmio Caméleon 2015, em Lyon, na França.

manifestações propiciadas nesse panorama social que interessam à obra de Augusto Proença e de que maneira esses elementos surgem.

A representação da criminalidade em *Pssica* revela em movimentos, cenas e discursos de que forma as cidades se constroem como personagens na história, fundamentando as tensões provenientes das relações de poder e impunidade. Retirando a ideia comum que se tem quando se pensa em uma narrativa ambientada na Amazônia, rodeada por rios e florestas, encantarias e imaginários, *Pssica* não é místico nem fantástico, ao contrário, é violentamente real, urbana, veloz e factual.

O romance traz uma paisagem social das cidades e saltam elementos como o tráfico de drogas, abuso sexual, assaltos, ação/ausência da polícia e corrupção. Por isso, interessa entender quais são esses crimes e como o panorama social está traduzido na obra de Edyr Augusto.

METODOLOGIA

Este trabalho tem como objetivo discutir a representação da criminalidade sob o viés da análise de narrativas, pautando-se no entendimento de que as narrativas são capazes de dar sentido a todo o contexto, tal qual Gancho afirma (1991, p. 02): “Narrar é uma manifestação que acompanha o homem desde a sua origem”.

Assim, o artigo está estruturado em três partes. Na primeira seção, já desenvolvemos a introdução, a qual aborda a questão da análise de narrativa e do romance policial *Pssica*; na segunda seção, falamos sobre o romance do autor, a representação da criminalidade na obra. Por fim, a terceira seção realiza as considerações finais, buscando trilhar as descobertas, as questões ainda abertas e os principais desdobramentos deste estudo.

A CRIMINALIDADE NO ROMANCE POLICIAL PSSICA

Para Foucault (2008), o romance policial pode ser considerado uma literatura de crime e se constitui uma obra de arte. Nessas narrativas, os atos criminosos são cometidos por “seres de exceção, porque revela a monstruosidade dos fortes e dos poderosos, porque a perversidade é ainda uma maneira de ser privilegiado” (p. 56). Ainda sobre a tradução de crimes e criminosos na literatura, encontramos na literatura grega nos anos 400 e 500 a.C., personagens e narrativas criminosas. No período considerado clássico das artes, Shakespeare (1564-1616), o escritor das paixões humanas, cria modelos ou tipos de criminosos como “Hamlet” – o delinquente louco; “Othello” – o criminoso passional; “Macbeth” – o delinquente por ambição política, com a

Lady Macbeth como símbolo maior da criminosa perversa; “Ricardo III” – o delinquente por complexo de inferioridade; com análises que a ciência, no séc. 19, veio a confirmar sobre o fenômeno geral da criminalidade.

No Brasil, o romance policial sempre foi visto como uma literatura de segundo plano ou a chamada subliteratura, uma vez que o romance policial era inescrutável. A primeira publicação desse gênero foi feita no jornal “A folha”, no período de 20 de março a 20 de maio de 1920, em partes, por meio de folhetim; uma espécie de jornal que teve quatro autores brasileiros, dentre eles Afrânio Peixoto, Coelho Neto, Viriato Corrêa e Medeiros e Albuquerque.

A criminalidade na literatura, principalmente a partir do século XX, dá-se pela transposição ou ficcionalização, muitas vezes, de casos policiais, pois existem muitos crimes que geraram grande repercussão em jornais, rádio e televisão e, mais recentemente, nas redes sociais.

Em *Pssica*, a progressão do romance americano também se modifica. Apesar de podermos classificá-lo como um romance negro, carrega traços da nova forma com a qual a literatura contemporânea vem se apresentando, na qual, por mais que haja um gênero discursivo, também se mescla a elementos de outros gêneros, como a crônica, o diálogo, o inquérito, a notícia de jornal etc. O romance de Edyr pende, também, para o dramático/cênico, o foco da história não é a investigação, mas a reação das vítimas diante das situações extremas as quais estão sendo submetidas.

A obra *Pssica* pode ser considerada um romance policial por apresentar algumas peculiaridades: em primeiro lugar, com a premissa de ter ocorrido um crime, de haver um detetive para realizar uma investigação, a fim de solucionar o enigma e deter o criminoso. No romance *Pssica*, dentre os crimes narrados, dá-se mais ênfase ao sequestro da menina Janalice, o qual teve como objetivo torná-la prostituta no exterior:

Uma Kombi com vidros negros encosta. O coroa e Dionete a seguram pelos braços. Abrem a porta. Ela está dentro da Kombi. O que é isso? Leva um murrão nos seios e cai. Alguém diz: Valeu! O carro arranca, balançando nos buracos. O que é isso? Um chute na bunda. Cala a boca. Mas. Cala a boca, caralho! Não dava pra ver pelos vidros aonde estava indo. Fechou os olhos, se encolheu e choro. (AUGUSTO, 2015. p. 6).

É imprescindível destacar a figura detetivesca presente na obra, que pode ser um profissional, ou seja, um investigador ou um delegado da polícia, bem como uma pessoa leiga que acaba fazendo investigações por razões pessoais. Na narrativa, essa figura é o delegado da reserva, Amadeu, que após saber dos sequestros que assolam a capital paraense e por não

conseguir sair do ramo da investigação, inicia esse trabalho para tentar resgatar a menina Janalice.

Amadeu andou por Ó de Almeida, Presidente Vargas, Aristides Lobo, Manoel Barata, Riachuelo, Frei Gil e Primeiro de Março. Conferindo. Ninguém sabia de nada. Nunca tinham visto. Com uma foto. Foi nos camelôs. Esse brinco foi comprado aqui? E essa menina, conhece? Não. Aqui? Não sei, não, doutor. É tanta gente que vem aqui. Será que não sabem, mesmo? Bom, ela circulou poucos dias, pode não ter dado para notar. Encostou na banca do Alvino, na praça da República. Viram essa garota por aqui? Não sei. Parece que sim. (AUGUSTO, 2015. p. 6).

O livro parte do drama da menina Janalice, que se vê exposta pelo namorado por meio de um vídeo íntimo publicado na internet. Ao ser confrontada e responsabilizada pelos pais, a personagem se vê obrigada a ir para a casa de uma tia. A partir desse momento, ela é exposta a toda desgraça, violência ou “pssica” a qual uma mulher poderia suportar durante a vida.

Janalice tem catorze anos. Em casa, a mãe chora. Grita. Estapeia. Rasga suas roupas. Entra o pai, com a farda de cobrador de ônibus. Tira o cinto. Espanca. Expulsa de casa. Ela sai chorando pela rua. Em uma esquina, Fenque está com os amigos. Ela chega e pede ajuda. Ele a trata mal. Ri de sua cara. Os amigos também. Ela cobra. Ele dá um tapa. Sai fora. (AUGUSTO, 2015. p. 7).

O autor traz, logo no início da narrativa, a ideia de abandono pela qual Janalice passa, essas experiências se mesclam com a exposição de um momento íntimo da menina, somando à repreensão dos pais e, logo após, à rejeição e agressão do, até então, namorado.

A partir disso, os acontecimentos progridem até o momento do rapto, em que lhe é tomado, primeiro, o lugar ao qual pertencia e, segundo, sua família. No momento após o rapto, entra a figura de Amadeu, um policial aposentado que atua como investigador apenas por ser amigo do pai da menina.

O drama presente na obra se desenrola em torno dessa incerteza do final feliz, diferentemente do que foi mostrado como uma regra no romance policial, de que o crime deve ser resolvido. No entanto, em Pssica, a trama deixa a possibilidade de o crime ser resolvido, o que não quer dizer que será. Até porque, não há mistério para o leitor, ele está ciente dos acontecimentos, os casos são desvendados para o expectador pouco após acontecerem. O mistério existe apenas para os próprios personagens.

Em síntese, já podemos identificar na obra a representação de crimes como abuso sexual, estupro de vulnerável, rapto e, como fato propulsor das desgraças de Janalice, o crime de divulgação, sem o consentimento da vítima, de cenas de nudez, sexo ou pornografia,

acrescentado ao código penal brasileiro, no artigo 218-c da lei 13.718, de 25 de setembro de 2018.

O livro “*Pssica*” narra fatos que se aproximam da criminalidade existente na capital de Belém e alia-se a um contexto regional, cheio de cenas de violência e transgressão, apresentando visivelmente nas falas do narrador e das personagens, marcas linguísticas atribuídas às variedades linguísticas locais. Ainda sobre a verossimilhança, embora ficcional, percebemos a aproximação com a realidade dos crimes mais comuns em nossa região, como neste trecho repleto de violência:

Já passava das duas da manhã quando, silenciosamente, amarraram a rabeta em um toco e chegaram ao Portuga. Pitico bateu na porta. Seu irmão, Índio, ficou atrás. Uma mulher perguntou quem era. Tô precisando de um quilo de açúcar, comadre! É madrugada, tá fechado! Por favor, é uma emergência! Abriu uma fresta. Entraram com tudo. Cala a boca e dá o serviço! Manoel! Ela grita e leva uma coronhada que lhe abre um rasgo no supercílio. Do segundo andar, um tiro. Índio grita e caí. O filho da puta me acertou, caralho! Puta que pariu, vaza, vaza, porra! Eles atiram na direção da escada enquanto Preá carrega Índio e Pitico carrega a mulher como escudo. Saem correndo. Mais tiros no seu encalço. Na rabeta, ao largo, Índio geme, estrebuchando. Pitico o abraça. (AUGUSTO, 2015, p. 13-14).

O contexto social traduzido na passagem demonstra uma situação de agressões verbais, físicas e psicológicas, roubo, violência física, porte ilegal de armas de fogo e tentativas de assassinato. Esses acontecimentos afetam a quase normalidade das cidades e alteram a ideia de bem-estar social. Ainda nesse contexto, a violência se torna algo mais recorrente nas periferias, onde há mais desigualdade e ocorrem, acentuadamente, disputas pelo tráfico de entorpecentes. A literatura não somente imita a realidade, como a altera, personificando-a, humanizando sujeitos e condutas, a fim de construir na verossimilhança uma realidade outra, análoga, mas também denunciativa e crítica, a respeito das mazelas que atingem cidades como Belém.

Ademais, dentro da obra literária *Pssica*, a violência é explicitada em diversos momentos, entretanto, em muitas passagens há a violência aguda, como espancamentos, esfaqueamentos ou tiroteios. O romance não procura contornos, há uma espetacularização do horror e do temor, exacerbados em cenas de tortura, vinganças e mortes, o que contraria o resguardo moral e ético que deveria prevalecer em um ideal de cidade desenvolvida. A Belém de *Pssica* é justamente caótica, desumana, infeliz, carcomida.

Além da violência extrema nas cenas, a linguagem é um elemento que revela o ritmo cênico, a intensidade e a velocidade dos fatos. As falas das personagens são incorporadas ao parágrafo de narração, as frases curtas e a pontuação auxiliam no revezamento entre a voz do

narrador e a dos personagens. Esses recursos criam uma performance visual, veloz e, propositalmente, desordenada.

Os usos linguísticos se voltam para variedades linguísticas situacionais, já que no ambiente do crime essas terminologias não formais são predominantes. Os recursos linguísticos e estéticos de Edyr Augusto estão associados aos novos modelos de romances existentes na implementação de uma narrativa que se compara aos diálogos informais ou narrar de reportagens policiais. Os modos de narrar, vez ou outra, trazem elementos do relato, do depoimento ou da crônica, por apresentar reflexos das confissões de eventos que se aproximam do cotidiano paraense, com um enredo complexo e acelerado.

Na obra, o autor também demonstra traços de uma literatura regional, mas não regionalista. Esse termo se refere a uma vertente da literatura que busca uma identidade, um pertencimento. Por meio desse fazer literário, Edyr Augusto buscou mostrar algumas peculiaridades em relação à ambientação urbana, aos modos de agir e falar em situações e lugares de Belém. A seguir, há uma cena na loja Riachuelo:

Pronto. Agora vamos. Entram na Riachuelo. Vai direto a um homem grisalho. Dá o dinheiro. Um beijo na boca. Abraça e apalpa sua bunda, ali, na frente de todos. Dionete estende a mão. Ele entrega umas bolinhas em plástico preto. Janalice olha em volta para homens e mulheres magros, roupas imundas, olhos vidrados. Eles também a contemplam. Vamos embora, diz Dionete. Vão para a praça. Dionete puxa um cachimbo tosco, feito de caneta Bic e lata e acende. Quer provar? É bom. Dá barato. Tu vais ficar melhor. Não. Não quero. Pior pra ti. Depois tu vais me pedir e eu vou dizer negatofis! (AUGUSTO, 2015. p. 32).

Nessa passagem o autor traduz, de forma concisa e factual, episódios comuns da região metropolitana de Belém do Pará, talvez inspirados na sua visão cronística, que capta os movimentos, objetos, sons, palavras, falas e gestos das pessoas, em ambientes comuns, mas com inúmeras nuances, fetiches e casos inusitados. O texto não deixa escapar as arruaças, as confusões de pensamento, o barulho, o óbvio e o imprevisto, com maior destaque para as perversidades, as estranhezas e os eventos indigestos.

Na leitura do romance, o leitor visualiza a confluência entre a literatura e a notícia policial, de algum modo, identifica-se, porque a violência é costumeira, midiática e até banal. Assim, o narrador traz à tona a confissão de crimes como roubo e tráfico com naturalidade e sugere um contexto social, político e econômico do Pará, no qual os habitantes de cidades como Belém, Abaetetuba, Breves se identificam.

A história sofrida de uma adolescente estuproada, drogada e prostituída, de um rapaz que cresce no meio da criminalidade, ou de um imigrante que é alvo de ataques e roubos, nesse entrelaçar de eventos, conseguimos imergir no enredo e olhar a construção complexa dos personagens. A visualidade do romance traz ao leitor a sensação de já ter vivido ou tido contato com essas histórias, por isso, não se torna difícil entender a amarração das cenas.

O desenvolvimento da narrativa em *Pssica* se expande pelo espaço amazônico em que as cidades do Pará estão situadas, fazendo um itinerário da capital paraense às cidades da região do Marajó, também como rota na prática de crimes, como o tráfico de drogas e de pessoas. Nesse deslocamento entre os espaços, podemos perceber como as mazelas sociais se acentuam, o que sugere as diferenças e desigualdades entre a capital e o interior do estado.

No romance de Edyr, são eschachadas as monstruosidades da luta de classes, do poder desregulado e da injustiça que acomete os subalternos, as famílias ribeirinhas, sobretudo ao relatar as formas de exploração e a desumanização. Os personagens são protagonistas que presenciam o fracasso, a pobreza, a crueldade, o descaso. Janalice, Portuga e Preá representam a população que sofre com as consequências regionais e que geram um ciclo de crimes.

No que diz respeito ao espaço ficcional, há relatos dos modos de vida que apontam para um trabalho jornalístico, documental, analítico e até socioantropológico do autor, pois muitas passagens do romance traduzem com detalhes situações de exploração e de abuso. Em diversas cenas, há um elemento ficcional, mas que acende o farol para o contexto histórico e para a ferocidade da vida em Belém e nas zonas rurais do Marajó:

As meninas entram em fila, nuas, enfeitadas por colares. Há uma vibração no recinto. Elas param e ficam expostas. Barrão toma a palavra. Meus queridos, elas são suas. Naquela direção, há três quartos com boas camas e muita camisinha. Fodam muito! São meninas novas, com o xiri apertado, cheirando a leite. Algumas ainda são cabaço! Sabem quanto custa um cabaço? Sabem? Não vou dizer quem é cabaço e quem não é. Descubram. Mas, antes de liberar geral, Phillipe vai mostrar a tração da noite. Cheirando a leite. Trazida de Belém pelo Zé Elídio. Preparada pelo Zé para ser uma foda especial. Phillipe, por favor, mande entrar. Quando Jane entrou naquela sala, um arrepio passou em sua coluna. Sentia como se estivesse em uma jaula de feras famintas, babando por seu corpo. A bebida despertou algo, lá no seu fundo que não sabia que existia. Houve um urro de satisfação. Alguns levantaram antes do tempo e foram contidos. Branquinha, certinha, com seios grandes e uma boceta raspadinha, era o grande troféu da noite. Barrão disse: o nome dela é Jane e, se vocês me permitem, o dono da festa será o primeiro a provar. Depois de mim, façam seus lances. Vamos foder! Está liberado! (AUGUSTO, 2015, p. 55).

Nesse trecho, podemos presenciar um dos crimes representados: o abuso sexual e o tráfico de pessoas, muito comum na região de Soure, que tem como finalidade a exploração e a escravização sexual de crianças e adolescentes. Esses crimes atingiram grandes proporções por serem invisibilizados e serem muito rentáveis, inclusive para subsidiar e produzir recursos para a prática de outros delitos, como a venda de drogas.

No que se refere aos crimes representados, o código penal brasileiro prevê essas ações como crimes contra a dignidade sexual e crimes contra liberdade individual com pena de reclusão, segundo os artigos 213 e 149-A da respectiva lei penal incriminadora:

Art. 213. Constranger alguém, mediante violência ou grave ameaça, a ter conjunção carnal ou a praticar ou permitir que com ele se pratique outro ato libidinoso:

Pena - reclusão, de 6 (seis) a 10 (dez) anos. (BRASIL, 2009).

Art. 149-A. Agenciar, aliciar, recrutar, transportar, transferir, comprar, alojar ou acolher pessoa, mediante grave ameaça, violência, coação, fraude ou abuso, com a finalidade de:

[...]

Pena - reclusão, de 4 (quatro) a 8 (oito) anos, e multa. (BRASIL, 2016).

Alguns depoimentos que estão em processos policiais e que são divulgados por jornais, revistas e portais da internet se assemelham a casos violentos da narrativa de *Pssica*, como o relato da irmã Marie Henriqueta Ferreira Cavalcante – freira que é referência no combate à exploração e à violência sexual de crianças e adolescentes no estado do Pará e coordenadora da Comissão Justiça e Paz da CNBB. Irmã Henriqueta, com tristeza, narra:

“Ali no estreito de Breves (de um lado do rio fica Breves e do outro Melgaço), existe um foco muito grande de exploração sexual. As crianças sobem naquelas balsas e muitas descem com pequenos objetos, às vezes com pequenos alimentos, um litro de óleo diesel, em troca da exploração do seu corpo. Eu conversei bastante com as duas meninas que foram encontradas nessa balsa. A de 18 disse que desde os 5 anos de idade era explorada sexualmente em troca de comida. Hoje ela diz que é ‘prostituta da balsa’ e que seu sonho é casar com um gaúcho pra sair da miséria (as balsas de cargas muitas vezes atravessam o país, então passam por lá homens de todas as regiões). A menina de 9 anos disse que subia desde que se entendia por gente, pra ganhar comida”. (DIP, 2019)⁷.

⁷ DIP, Andrea. Investigamos a violência sexual no Marajó: e não é nada do que a ministra Damares diz. Combate Racismo Ambiental. Disponível em: <https://racismoambiental.net.br/2019/09/24/investigamos-a-violencia-sexual-no-marajo-e-nao-e-nada-do-que-a-ministra-damares-diz/> Acesso em: 12 de jan. 2021.

Frequentemente, algumas passagens do livro se entrelaçam a notícias acachapantes, o que não significa dependência ou que a obra literária fosse ingenuamente “baseada em fatos reais”, mas, quem sabe, pela intersecção e possibilidade de ela produzir interdiscursos, mediações e denúncias.

A região do Marajó é a que possui menor IDH do Brasil. Escondida por vias fluviais, pelo isolamento geográfico e pela impunidade, as pessoas sofrem com a falta de recursos e são expostas a situações inumanas, abuso infantil e prostituição de menores.

Em *Pssica*, durante a investigação, Amadeu chega a Breves e pede informações ao bispo do local, o qual lhe diz algumas coisas:

[...] Meu filho, você sabe que estou prometido para morrer. A qualquer momento una bala me mata. Mas não vou me calar. Essa região não tem lei. Aqui mesmo, em Melgaço, Portel, Breves, há boates, todas com quartos, quatinhos, só espacio para una cama. As meninas são vendidas. E ainda há pais que vendem sus hijas porque estão com fome. Vendem por quinhentos reais, no meio de la calle. Tem niños se vendendo por três reais à vista de todos, nada escondido. Sabe o que es pior? Prefeito, vereadores, empresários, formam una quadrilha. Pagam alto para deflorar as virgens! Um horror! (AUGUSTO, 2015. p. 21).

Em 2015, o portal Globo noticiou uma ocorrência que tem forte relação com o trecho acima. Trata-se de um relato de um bispo, jurado de morte após expor a situação dos menores na região do Marajó. Dom José Luiz Azcona vive na região há 30 anos e já testemunhou casos em que as crianças se ofereceram aos ocupantes das balsas com o consentimento da própria família: “Uma mãe levava uma menina de 10 anos para uma dessas balsas, meninas que se chamam ‘balseiras’ no jargão normal”; “R\$ 2,40 e um pequeno balde com vísceras de porco ou de boi, isso é que vale uma menina em algumas regiões do Marajó”⁸ (AZCONA, 2015).

Dom José Luís Azcona já foi ameaçado de morte por denunciar a violência sexual na região: “Eu sou consciente de que me podem matar, mas eu não posso tolerar mais que esse fenômeno tão triste aconteça diante da minha cara”. A prostituição infantil é, sem dúvida alguma, o que mais temos de pauta sobre a região, é sobre o que mais se fala. Não é como se não houvessem outros problemas recorrentes na região, é que são bem mais complexos e exigem um amplo debate.

⁸ Relato do Bispo José Luís Azcona. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/08/bispo-denuncia-exploracao-sexual-de-menores-na-ilha-do-marajo-pa.html> Acesso em: 10 dez. 2021.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra *Pssica* (2015), de Edyr Augusto Proença, caracteriza-se como romance policial, pois é um gênero que aborda assuntos ligados a crimes, mistérios e enigmas. Conhecida popularmente como uma literatura policial, detetivesca e criminal.

A obra é regional, mas regionalista, não foca o lado místico das paisagens amazônicas, nem se reduz aos localismos. O autor representa, de maneira complexa e pluralizada, uma Amazônia urbana e polimórfica, com marcas e manchas do lugar, das variedades linguísticas e sociais. *Pssica*, que remete a azar e mau agouro, opta por um olhar mais obscuro, traduz a região do Pará como um local extremamente violento, uma paisagem em colapso social, principalmente quando se trata de Belém ou das cidades do Marajó, onde se passa grande parte da narrativa. No que se refere à criminalidade, *Pssica* apresenta cenas que escandalizam, entretanto, há no discurso denúncias sobre a realidade contraditória da região metropolitana.

Por meio da narrativa de *Pssica* podemos compreender o contexto social, bem como a complexa luta por sobrevivência dos sujeitos na periferia e na vida ribeirinha. Os personagens e suas falas representam vivências, choques, tensões que se associam a um ciclo de criminalidade na região. Mesmo de forma ficcional, o romance apresenta os discursos das denúncias e da crítica que não se limitam somente ao literário.

O livro está repleto de vozes e fatos que surgem como ecos de situações e crimes verídicos. *Pssica* traz personagens complexos, envoltos em uma trama ainda mais complicada, a qual, embora não seja o real foco da obra, segundo o próprio autor, está repleta de camadas.

Os cenários são extremamente violentos, narram diversos crimes. Mesmo que o centro dessas histórias seja a reação, há o aprisionamento das personagens em ciclos de azar, dor e angústia. Esse pano de fundo violento criou o clima pesado, inóspito e extremamente problemático de *Pssica*. O presente trabalho voltou-se para a representação da criminalidade, para os cenários e personagens violentos. As questões da pesquisa propiciaram a identificação de diversas ilicitudes e sua inter-relação com as personagens, o espaço e o destino trágico.

O romance policial de Edyr Augusto pende para um lado mais sombrio e realista, por meio do qual se revelam crimes como tráfico humano, corrupção política e policial, abuso de menores, assassinatos, os quais são representados de maneira “natural”, com certa truculência, o que causa um desconforto ou estranhamento.

Esses crimes representados no romance geram repúdio e requisitam do leitor uma posição de indignação. Edyr, assim, produz uma literatura que também é investigativa, denunciativa e crítica. *Pssica* coloca em evidência diversos crimes que tem vida na diegese



literária, no interior da narrativa, assim como evocam um minucioso sentido socioantropológico sobre os miseráveis das grandes e pequenas cidades do Pará. Janalice não mais representa uma personagem comum, ela passa a representar inúmeras meninas abusadas, com traumas e sequelas incuráveis. Edyr Augusto não alivia, escreve um romance que é um chute no estômago.

REFERÊNCIAS

AUGUSTO, Edyr. **Pssica**. São Paulo: Boitempo, 2015.

BRAIT, Beth. **A personagem**. São Paulo: Ática, 1985.

BRASIL. **LEI Nº 12.015**, de 7 de agosto de 2009. Brasília, 2009. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/lei/113344.htm. Acesso em: dez. 2021.

BRASIL. **LEI Nº 13.344**, de 6 de outubro de 2016. Brasília, 2009. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/lei/113344.htm. Acesso em: dez. 2021.

CORREIO BRASILIENSE. Há exatos 100 anos, era editada 'O Mistério', 1ª história policial do País. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2020/03/20/interna_diversao_arte,836945/ha-exatos-100-anos-era-editada-o-mysterio-1-historia-policial-do.shtml. Acesso em: dez. 2021.

DOYLE, Arthur Conan. **Um estudo em vermelho**. FTD Educação, 1954.

FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas**. Tradução Roberto Machado e Eduardo Jardim Morais. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2003.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. São Paulo: Ática, 1991.

MOREIRA, Alex. PSSICA, DE EDYR AUGUSTO: AMAZÔNIA LAISSE-FAIRE OU O RETORNO AO INFERNO VERDE? In: **ABRALIC**. Congresso Internacional 2018. Circulação, tramas e sentidos na literatura, jul./ago. 2018.

REIMÃO, Sandra Lúcia. **O que é o romance policial**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.

TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas**. Tradução Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2006.